

A “VANGUARDA BRASILEIRA”: A JUVENTUDE NO DISCURSO DA REVISTA EDITORA DO BRASIL S/A (1961-1980)

Katya Mitsuko Zuquim Braghini*

O interesse em estudar a imagem que foi construída sobre a juventude nos anos 1960 e 1970, a partir dos artigos produzidos e publicados na Revista da Editora do Brasil S/A (EBSA), surgiu porque esse periódico educacional se apresentou notadamente favorável ao governo autoritário instituído em 1964.

Levando em consideração que, à época, o que se chamou “juventude” se mobilizou por meio de uma variada gama de manifestações em vários locais do mundo, tornou-se interessante tentar compreender como foi edificada uma ideia de juventude em uma revista educacional que não escondia a sua condição de ser favorável ao Estado autoritário militar e que, portanto, tomava posição de ataque a quaisquer movimentos sociais contestadores à ordem política, assumindo uma atitude abertamente conservadora. Como fonte documental, EBSA pode ser considerada uma espécie de “contra-face”, “o outro lado” daqueles movimentos sociais que, à época, se manifestaram contra o autoritarismo.¹

Foi levado em consideração que, diante dos manifestos juvenis nos anos 1960-1970, um “projeto de juventude” foi organizado pelos agentes responsáveis por esse periódico educacional muito possivelmente buscando um ideal de juventude que fosse mais “adequado” ao ajustamento do que os jovens mobilizados. O período demarcado na pesquisa compreende de 1961, ano em que são publicados os primeiros artigos sobre os jovens estudantes em EBSA, a 1980, ano em que se percebeu um decréscimo de

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós Graduação em Educação: História, Política, Sociedade. Doutora em Educação (História da Educação). Agência financiadora: CNPq

¹ Parte desse interesse acompanha o pensamento de Sarlo (2007) cuja preocupação se volta para o desenvolvimento de um sistema de hipóteses sobre a relação entre os grupos sociais oprimidos com o aparelho ditatorial que foi organizado na Argentina. Para a autora, há a necessidade de apresentação de uma história documental para ampliar a perspectiva da história testemunhal que, preferencialmente, foi o caminho escolhido pelos pesquisadores argentinos.

conteúdo sobre a juventude, talvez coincidindo com a abertura política que se iniciava no país.

Reforçou ainda mais o interesse nesse empreendimento a constatação de que há uma “falta” de estudos históricos sobre as representações da juventude no Brasil, como é o caso deste estudo e de estudos históricos sobre a juventude em geral.²

Dos levantamentos bibliográficos surgiram três imagens que abriram a possibilidade de empreendimento deste trabalho. Uma, que percebeu um foco muito centralizado na atuação política dos estudantes contra o autoritarismo militar, desconsiderando o aspecto “estudantil” do movimento. A segunda, que constituiu uma imagem monolítica destes jovens como se todos eles fossem rebeldes e ativistas, desconsiderando a observação de uma população que não se manifestava ou que demonstrava a sua mobilização de outra forma. A terceira, que desconsiderava todas as histórias sobre a juventude que não fossem referentes às manifestações políticas dos estudantes.

Este trabalho apresenta s resultados obtidos em uma investigação de doutorado que buscou compreender, a partir dos registros publicados em uma revista educacional nos anos 1960-1970, o que a publicação, e aquilo que ela apontava como sujeitos parceiros de sua ideologia, entendia por juventude. Este trabalho não deixou de focar os anos de efervescência cultural e política no país e, embora discuta os movimentos políticos dos estudantes, o foco está voltado para o sentido de representação de juventude.

Para tanto buscou-se o aprofundamento teórico e metodológico de três frentes de trabalho, imprescindíveis para o entendimento do tema. O estudo introdutório sobre EBSA foi feito a partir do roteiro que está implícito no texto de Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard (1996), quando estes analisaram a revista *L'Éducation Nationale*. Os autores pautaram-se pelo posicionamento do “lugar da fala” dos responsáveis pelo periódico: a apresentação de suas posições políticas e educacionais; suas crenças; parceiros; seus suportes de produção, transmissão de ideias; como entra na arena dos discursos o tema de análise etc..

² Estudos como os de Spósito (2001, 2010) e Hilsdorf e Peres (2009) apontaram para este caminho.

Da mesma forma foi necessário fazer um estudo sobre o pensamento conservador, para, finalmente, especificar como esse corpo documental apresentava a juventude no período da ditadura militar.

O pensamento conservador foi pensado em torno da questão do “ativamento” dos conservadores diante das manifestações juvenis. O “ativamento” do grupo conservador foi objeto de discussão de Carvalho (2005), Hirschman (1997), Bobbio (1987), Mayer (1977).

Todos esses pesquisadores consideram que, na visão conservadora, enquanto a história está desprovida de inquietações, há uma estabilidade estacionária entre os agentes da conservação. Como disse Bobbio (1987), o conservadorismo só se pode explicar com base na história, tido em conta a sua relação com o seu alternativo histórico (Bobbio, 1987, p. 243). Portanto, a análise de registros teóricos e a atuação de grupos que se reconheçam como conservadores é mais bem interpretada a partir de sua reação a conjunturas históricas específicas e que tal “reação” depende da entrada de forças consideradas perturbadoras.

Compreender o funcionamento das forças de conservação é importante no momento em que elas são atingidas em pontos de reação. Neste caso, os pontos de reação foram abordados com a anunciação de manifestações juvenis políticas de vários matizes naquele momento.

Se diante agitações estudantis do início da década de 1960, os artigos de EBSA lançaram os jovens estudantes à condição de diferentes, “alarmistas”, “iludidos” e “desprevenidos”, como se manifestaram diante de estudantes que resistiram à ditadura? Eram rebeldes apenas os estudantes? Como esses editores e os colaboradores publicados na *Revista* traduziram o os manifestos juvenis, além dos estudantis? Como foram observados os jovens não engajados politicamente? Portanto, qual foi a ideia de juventude que esses sujeitos, notoriamente conservadores, criaram pelas páginas do periódico educacional?

Tinha-se por hipótese, como já dissemos, que diante da reação aos movimentos juvenis, os grupos apontados como conservadores no trabalho apresentariam um planejamento considerado por eles mais coerente e harmonioso para a juventude brasileira, pensando-a como peça fundamental para o desenvolvimento do “Brasil Grande”.

Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa foi separada em duas partes: investigação e análise. Seguir à caça de vestígios que esquadrinhassem a *Revista* propriamente dita e a Editora responsável por sua publicação foi o primeiro mote deste estudo. Obter documentação que sustentasse um histórico da Editora do Brasil foi tornado um dos objetivos desta pesquisa, por dois motivos: primeiro, porque não havia estudos sobre essa Editora; depois, porque seria improdutivo estudar a *Revista*, a documentação principal, sem conhecer o universo dos responsáveis por sua publicação.

A investigação desdobrou-se em duas vertentes, feitas simultaneamente: a procura de documentos sobre a Editora e recolhimento dos números da *Revista* e separação dos artigos sobre juventude para o estudo propriamente dito, bem como a seleção e a separação dos documentos que ampliaram a base documental, construída, a partir do que EBSA apontava como documentos importantes e eletivos.³

A partir dos resultados constatados após a organização das fontes, do levantamento e interpretação dos dados do banco e da análise de discurso amparada pelas idéias de Ginzburg sobre o deciframento de fontes, o trabalho final foi separado em quatro capítulos.

O capítulo 1 mostrou o histórico da Editora do Brasil desde a sua fundação até o ano de 1980, analisando os métodos usados para a conquista de um lugar no mercado editorial de livros didáticos e de leitura no Brasil. Simultaneamente, foi apresentado o surgimento e o desenvolvimento do periódico educacional proposto pela Editora e principal fonte deste trabalho.

O capítulo 2 registrou a análise referente aos estudantes de “esquerda” apresentando como eles foram conceituados nos anos 1960, no momento em que se mobilizaram em causas estudantis e políticas, antes e depois do golpe militar de 1964.

O capítulo 3 apontou como, nos discursos, surgiu e se desenvolveu um movimento de juventude com bons potenciais, a partir dos desdobramentos da

³ Para maior conhecimento sobre como foi efetuada a procura por documentos a respeito da Editora do Brasil S/A, aconselhamos a leitura da introdução do trabalho em questão. Ali foi apresentado um Guia sobre o recolhimento de documentos sobre a Editora e a sua *Revista*. Ele é elucidativo para quem se aventurar à caça às fontes. Da mesma forma apresentou-se como foi feito o trabalho com as fontes, a ampliação do corpo documental e a apreensão do tema juventude dos discursos feitos pelo grupo, denominado na tese como conservador.

mobilização estudantil e de outras variações das manifestações de juventude nos anos 1960 e início da década de 1970. A detecção e a exaltação dos pontos positivos no comportamento dos jovens são ali apresentadas.

O capítulo 4 fez a apresentação dos planos idealizados para a juventude brasileira. Neste capítulo foram indicados os principais movimentos políticos pedagógicos de contra-ofensiva às manifestações juvenis depreciadas e apresentadas ao longo do trabalho. Também são apresentados os novos fenômenos estudantis referentes à década de 1970 e as considerações dos editores diante do manifesto juvenil inovado.

Em síntese, os resultados dessa pesquisa apresentaram os seguintes itens abaixo indicados por meio de tópicos:

- Diferentes ondas de antagonismo juvenil foram observadas em trinta anos, com a participação de atores variados, demonstrando que o caráter das mobilizações não era estanque, unívoco, não se encerrava no manifesto estudantil e, muito menos exclusivamente, no ideário político. Foi característico da juventude, na construção da sua experiência, apresentar outras e novas dimensões humanas de vida que podem ou não colidir com forma de organização social proposta pela geração precedente.
- Foi observado que os artigos da *Revista* atacavam os estudantes de esquerda que se mobilizaram em favor de melhores condições de ensino. Posteriormente, o ataque foi voltado para os estudantes que se organizaram em resistência ao golpe militar de 1964. Simultaneamente à contrariedade expressada aos movimentos estudantis, também foram apresentadas “alternativas” para o comportamento e a atuação de jovens. Essas alternativas celebravam o dinamismo juvenil, mas, julgavam que o jovem tinha que ser entendido como uma categoria etária dependente das gerações mais velhas e que, diante dessa dependência, havia a necessidade de autorização para determinados atos. Mais tarde, os jovens observados a partir de 1968 e, mais precisamente, nos anos 1970, foram mudando de aspecto. Julgavam que o grupo estudantil, após 1964, se tornou mais arredio e mais propenso a atos que, ainda que corajosos, ilegítimos. Já na década de 1970, as discussões circulavam em torno dos jovens despreocupados e

sem motivação para o estudo, dentro das escolas, jovens de classe média que passaram a fumar maconha e o desdobramento do movimento estudantil de 1977. Em duas décadas, foi possível apreender que as considerações feitas sobre a juventude foram se modificando e que, portanto, a condição de juventude não se encerrava nas manifestações estudantis de rua.

- Os ataques ao movimento estudantil, estudantes “maus”, tiveram três grandes focos. O primeiro tipo de agressão foi concentrado em uma suposta “precocidade” dos estudantes em participarem da política sem um devido preparo. Para os artigos de EBSA, havia um tempo certo para que tal manifestação ocorresse. A ideia de que os jovens estudantes agiam de forma precoce já que eles opinavam sobre os critérios que demarcavam a posição dos sujeitos de autoridade nas universidades nos remeteu aos problemas relacionados às tomadas de espaços cerimoniais de determinados postos de autoridade dentro das instituições de ensino. Da parte dos registros da *Revista*, ficou estampada uma raiva porque os estudantes repudiavam uma herança educacional simbólica e material vinda dos mais velhos.
- E a raiva dos autores passou a ser condicionada pelas seguintes qualidades juvenis: a) os jovens instituíram uma cultura autofágica em que eram tanto estimuladores de tendências da moda, da literatura, temas da imprensa; quanto consumidores dos produtos produzidos por essas mesmas tendências; b) os meios de comunicação passaram a privilegiar os jovens: eles eram um dos seus temas preferenciais exatamente porque cometiam atos que repercutiam nos veículos de comunicação. Os jovens pareciam ter identificado uma forma de se autoproduzirem usando as técnicas dadas em seu tempo. Por isso, os jovens tinham os “sentidos comercializados” e até Cristo tinha se transformado no “jovem salvador” (EBSA, 1968, p. 59)⁴. Tudo o que era “novo” para os editores de EBSA, parecia adequado para os jovens que eles vigiavam.

⁴ Transcrito de o *Jornal da Tarde*, São Paulo, 03/10/1968.

- Pensando que as experiências da juventude também dependem das relações sociais que demarcam a sua preparação para a vida adulta, foram percebidos três movimentos nos discursos, cujos temas, ao longo dos artigos se complementaram. Os artigos passaram a julgar que os atos estudantis considerados inapropriados eram uma perda de tempo e de dinheiro. Portanto, jogaram luz para a condição prática da vida do estudante: transitória, voltada para a rotina de estudo, de preparação para a vida, preferencialmente para o trabalho.
- Ao se depararem com os estudantes rebeldes, os artigos de EBSA passaram a julgá-los seres utópicos que necessitavam de uma depuração. Foi constatado que os jovens se inspiravam em jovens; que eles também buscavam inspiração para os seus atos em livros; por meio do contato com professores; entre os colegas; e, por fim, também nas páginas da revistas e jornais. Foi apresentado um plano que progressivamente cercava de vigilância os estudantes e os “veículos” de onde surgiam as suas inspirações.
- O jovem, visto como um receptáculo de experiências dadas na escola mediante um processo evolutivo teria os seus hábitos acelerados, voltados para o benefício do Brasil. Essa foi uma das justificativas para a necessidade da disciplina de EMC nas escolas: imprimir uma rotina cívica. O civismo proposto aos jovens era a condensação da ideia de “espírito da nação”, ou seja, uma concepção grandiosa em que o Estado e a Família estavam unidos por laços espirituais. Espírito dado ao jovem como uma nova herança da qual a escola seria a guardiã. A partir dos atos estudantis de “esquerda” foi proposto uma readequação dos potenciais estudantis, transformados no equivalente puro daquilo que essa categoria já fazia como movimento político e estudantil. Todas as boas qualidades observadas nos estudantes foram lançadas para uma juventude prestativa e boa; idealizada e globalizante.

- Ao cooptar uma parcela da juventude para trabalhos práticos, com vistas ao serviço social assistencialista, foi possível criar uma retórica cuja carga ideológica, ao circular pela opinião pública, buscava desmoralizar o movimento estudantil politicamente engajado nas universidades. O plano de desmobilização de um tipo de juventude passou pelo enaltecimento da atuação de outra parcela juvenil, que muitas vezes, pudemos ver, respondeu positivamente. Portanto, o projeto de juventude pura apresentado não tinha somente o interesse em desmobilizar os estudantes engajados, mas, antes, mobilizar favoravelmente a maioria silenciosa e englobar todos os jovens na condição de seres bons e puros.

Esse grupo, apontado como “conservadores”, diante da sua relação com as diversas manifestações juvenis de seu tempo, julgavam que a juventude brasileira era numerosa e bastante dinâmica. Por conta disso, bastava depurar os jovens sobre o qual recaía a égide de fazer parte da *boa* juventude, daqueles que eram “subversivos”, “teleguiados”. O grupo estudado na pesquisa se auto intitulava como uma “elite intelectual”, “elite do bem”, sobre o qual recaía, o peso do projeto de um novo Brasil. Eles julgavam que, sendo para o bem, valia a pena apresentar um plano para a juventude.

Por fim, foi apresentada uma representação de juventude forte e atuante, que podia voltar os seus esforços, seu potencial e o seu poder, para causas que “valessem à pena”: para o bem do país, para a possibilidade de um futuro individual promissor, para que fosse refreada a “precocidade” daqueles que se julgavam adultos antes de sê-lo.

Pensar à custa de que foi mantida essa ética de uma “elite de bem” foi interessante. Pois foi instigante avaliar os interesses de quem pregava “fazer o bem”. Ao final, todo esse empreendimento colaborou para transformar em fraco aquele jovem, estudante ou não, tornado nos discursos um infrator das leis. Ao infrator, “caso de polícia”, restou ser vigiado, detido, preso, exilado...

Referências Bibliográficas

BOBBIO, Norberto, MANTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UNB/Imprensa Oficial de São Paulo., 1992. (cf. verbetes: *conservadorismo*, pp. 242-246; *reação*, pp. 1073-1074).

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CARVALHO, Maria Bernardete de Oliveira. Ser conservador. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 50, jul/2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/050/50ccarvalho.htm> Acesso em 20/12/2008.

CHARTIER, Anne-Marie, HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura (1880 – 1980)**. Tradução: Osvaldo Bialto e Sérgio Bath. São Paulo, Editora Ática, 1998.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, 1989.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo e PERES, Fernando Antonio. 2009. Estudos históricos sobre juventude: estado da arte. In: Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 2, Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, pp. 213-231.

HIRSCHMAN, Albert O. 1997. **O Pensamento Conservador: perversidade, futilidade e risco**. Algés: Difel – Difusão Editorial.

MAYER, Arno. **A força da tradição**. A persistência do Antigo Regime (1848-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **A dinâmica da contra-revolução na Europa (1870-1956)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SARLO, Beatriz. **Tempos Passados: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

SPÓSITO, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**, volume 2, Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

_____. A produção de conhecimento sobre a juventude na área de Educação no Brasil. **Internacional Studies on Law and Education**, São Paulo: Editora Mandruvá, 2001, pp. 37-55.

_____. Estudos sobre a juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: Anped, nº 6, 1997, p.p. 37-54.